



Síntese

Fernando Pessoa ortónimo

- Em Fernando Pessoa, há uma personalidade poética activa, designada de *ortónimo*, que conserva o nome do seu criador e uma pequena humanidade, formada por heterónimos, que correspondem a personalidades distintas.
- No ortónimo, coexistem duas vertentes: a tradicional, na continuidade do lirismo português, e a modernista, que se manifesta como processo de ruptura. Na primeira, observa-se a influência da lírica de Garrett ou do *sebastianismo* e do *saudosismo*, apresentando suavidade rítmica e musical, em versos geralmente curtos; na segunda, encontramos experimentações modernistas com a procura da intelectualização das sensações e dos sentimentos.
- A poesia, a cujo conjunto Pessoa queria dar o título *Cancioneiro*, é marcada pelo conflito entre o pensar e o sentir, ou entre a ambição da felicidade pura e a frustração que a consciência-de-si implica.
- Pessoa considera que a arte “é o resultado da colaboração entre o sentir e o pensar”. Daí a sensibilidade a fornecer à inteligência as emoções para a produção do poema.
- Para exprimir a arte, o autor criativo precisa de intelectualizar o sentimento, o que pode levar a confundir a elaboração estética com um acto de “fingimento”. O poeta parte da realidade mas só consegue, com autêntica sinceridade, representar com palavras ou outros signos o “fingimento”, que não é mais do que uma realidade nova.
- O fingimento artístico não impede a sinceridade, apenas implica o trabalho de representar, de exprimir intelectualmente as emoções ou o que quer representar (ex.: *Autopsicografia*).
- O conceito de fingimento é o de transfigurar, pela imaginação e pela inteligência, aquilo que sente naquilo que escreve. Fingir é inventar, elaborar mentalmente conceitos que exprimem as emoções ou o que quer comunicar.
- Entrar no jogo artístico, fingir ao exprimir as emoções, mas com toda a dimensão da sinceridade, implica e explica a construção da poesia do ortónimo.
- A dialéctica da sinceridade/fingimento liga-se à da consciência/inconsciência e do sentir/pensar.
- Fernando Pessoa não consegue fruir instintivamente a vida por ser consciente e pela própria efemeridade. Muitas vezes, a felicidade parece existir na ordem inversa do pensamento e da consciência (ex.: *Ela canta pobre ceifeira...*).
- Pessoa procura, através da fragmentação do eu, a totalidade que lhe permita conciliar o pensar e o sentir. A fragmentação está evidente, por exemplo, em *Meu coração é um pórtico partido*, ou nos poemas interseccionistas *Hora Absurda* e *Chuva Obliqua*.
- O interseccionismo entre o material e o sonho, a realidade e a idealidade surge como tentativa para encontrar a unidade entre a experiência sensível e a inteligência.
- O tempo, na poesia pessoana, é um factor de desagregação, porque tudo é efémero. Isso leva-o a desejar ser criança de novo. Mas, frequentemente, o passado é um sonho inútil, pois nada se concretizou, antes se traduziu numa desilusão.
- Pessoa sente a nostalgia da criança que passou ao lado das alegrias e da ternura. Chora, por isso, uma felicidade passada, para lá da infância (ex.: *Quando era criança, Quando as crianças brincam...*).
- O ortónimo tem uma ascendência simbolista evidente desde os tempos de *Orpheu* e do Paulismo (ex.: *Impressões do Crepúsculo*).